

**DO ANTICOLONIALISMO COLONIAL:
RECEPÇÃO CRÍTICA E LEITURAS INTERPRETATIVAS DO DISCURSO
COLONIAL NO UNIVERSO LITERÁRIO DE PIERRE LOTI**

**ON COLONIAL ANTICOLONIALISM:
CRITICAL RECEPTION AND INTERPRETIVE READINGS OF COLONIAL
DISCOURSE IN PIERRE LOTI'S LITERARY UNIVERSE**

DOI 10.20873/uft2179-3948.2022v13n3p13-30

Camila Geovanna Alves da Silva¹

Resumo: Este artigo versa sobre os debates iniciados em estudos críticos que analisam os efeitos de sentido na obra de Pierre Loti. Partindo da presença do discurso colonial na obra do autor, promovemos um diálogo com as possibilidades interpretativas elaboradas pelos estudos aqui citados. Para tanto, atentamos às dinâmicas histórico-políticas que subjazem ao texto crítico a fim de promover contrapedagogias para a dominação epistêmica eurocêntrica no âmbito da crítica e da análise literárias.

Palavras-chave: Pierre Loti; Discurso colonial; Ficção francesa.

Abstract: This article deals with the debates initiated in critical studies that analyze the effects of meaning in the work of Pierre Loti. Starting from the presence of the colonial discourse in the author's work, we promote a dialogue with the interpretative possibilities elaborated by the studies mentioned here. To do so, we pay attention to the historical-political dynamics that underlie the critical text in order to promote counter-pedagogies to Eurocentric epistemic domination in the context of literary criticism and analysis.

Keywords: Pierre Loti; Colonial discourse; French fiction.

Introdução

Durante a segunda metade do século XIX, a obra literária do escritor francês Pierre Loti, pseudônimo de Julien Viaud, ganhou espaço entre os projetos estéticos de relevância para o substrato intelectual da sociedade francesa e/ou das elites estrangeiras afrancesadas, como era o caso do Brasil e de ex-colônias que compartilhavam da mesma síndrome de dependência cultural em relação à Europa. Voltado para representações do Oriente, dos espaços

¹ Graduanda em Letras (Bacharelado) pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: camilagasilva@outlook.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4687-9498>

subalternizados pelas políticas da colonização e de seus habitantes, o projeto literário de Loti condensa uma reelaboração do discurso colonial no advento da segunda modernidade, quando, de acordo com Edward Said (2007), as atitudes discursivas do colonialismo e do Orientalismo se adaptam às ofensivas políticas imperialistas da França e da Inglaterra.

Com o alcance da crítica pós-colonial, os estudos crítico-analíticos sobre a obra de Loti se tornaram palco de debates sobre o discurso colonial que constitui as composições ficcionais do autor. Se, por um lado, algumas leituras interpretativas defendem a tese de um Loti anticolonialista, autor de uma ficção denunciativa das violentas políticas coloniais, por outro, alguns estudos reivindicam a nocividade das representações literárias propostas por ele, a quem, ao ver dos adeptos dessa corrente, pode ser atribuído um projeto literário norteado pela manutenção e proliferação do discurso e da ideologia coloniais.

Compreendidas as relações produtivas entre as narrativas ficcionais de Loti e o discurso colonial, pautamos este artigo na análise da recepção crítica do autor. Assim, apresentamos, interpretamos e questionamos as leituras críticas que englobam o estilo e as relações semânticas que concorrem para a construção de narrativas ficcionais centradas na representação do espaço e dos entes subalternizados. Ao visitarmos as leituras críticas propostas pelos pesquisadores e suas diferentes metodologias, almejamos compreender e dialogar com as conclusões de suas análises, de tal maneira que também possamos inferir soluções combativas à manutenção da episteme eurocentrada nas análises literárias, principalmente aquelas gestadas nos espaços centrais de produção intelectual.

Dessa forma, dirigimos nosso interesse às leituras interpretativas que alegam encontrar, na obra de Loti, aspectos, indícios, construções, imagens, entre outros, que corroboram a noção de um suposto anticolonialismo na obra literária, não raro aparando a validade de tais conclusões em cruzamentos do objeto estético com materiais extraliterários. Por fim, mostramos como essas escolhas metodológicas podem incorrer no detrimento da natureza estética do projeto literário de Pierre Loti.

1 Pierre Loti, colonialista?

Com o advento da crítica pós-colonial e decolonial e, sobretudo, com o lançamento de *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente* (1978), de Edward Said, a fortuna crítica de Pierre Loti, especialmente durante a década de 1980, foi implementada com dissertações, teses, ensaios e artigos que almejavam fazer submergir as implicações políticas e sociológicas

da representação do Oriente e dos sujeitos subalternizados no universo literário do autor. É o caso de estudos tais quais o de Alec Hargreaves, em *The colonial experience in french fiction: A Study of Pierre Loti, Ernest Psichari and Pierre Mille* (1981); de Irene Szyliowicz; em *Pierre Loti and the Oriental Woman* (1988); de Tzvetan Todorov, em “Loti”, ensaio integrante da reflexão sobre raça, etnocentrismo e estética no livro *Nous et les Autres: la réflexion française sur la diversité humaine* (1989); e de estudos mais recentes, como o de Sharif Gemie no artigo “Loti, Orientalism and the French Colonial Experience” (2010), resultado de reflexões prévias a respeito das organizações e dos embates relacionais entre povos de diferentes raças e etnias.

Por outro lado, uma parte da fortuna crítica de Pierre Loti gestada no mesmo período se ateve ao entendimento da obra do autor como progressista, potencial e presumivelmente anticolonial, ainda que constituída por uma incontornável ambiguidade discursiva. Os estudos que se enquadram nesse viés interpretativo priorizam uma abordagem historicista e intencionalista da obra de Loti. E, em detrimento de uma operação analítica a partir dos efeitos de recepção (ISER, 1996, p. 7), os referidos estudos fixam e encerram o fluxo dos sentidos da obra amparados na reconstituição histórica da recepção original, ou em uma metodologia paralela em que os juízos expressos por Loti em escritos extraliterários fornecem e ratificam interpretações e significações unívocas para suas obras ficcionais.

Exemplo disso é o livro *Pierre Loti l'incompris* (1986), escrito por Alain Quella-Villéger, historiador e especialista em Pierre Loti, em cujo capítulo “De l’anticolonialisme au scandale” Quella-Villéger compendia declarações e impressões de Loti que, a seu ver, demonstram sua posição anticolonialista. Para esse fim, o autor evoca os juízos negativos expressos por Loti ao retratar os elevados índices de prostituição nos países colonizados ou ao denunciar, como ocorre no romance *Le mariage de Loti* (1878), o aporte, por parte dos europeus, de doenças letais às comunidades nativas dos países colonizados ou explorados através de outras formas de dominação.

Na defesa de um Loti declaradamente anticolonialista, Quella-Villéger omite o fato de que a repulsa pela prostituição, ao menos no *Roman d’un spahi* (1881), ocorre também em função do racismo antinegro do narrador, pois, no romance, não se trata inteiramente de constatar o absurdo da prostituição de “garotinhas”, mas de “garotinhas negras!” (LOTI, 1881, p. 58). Jean, o personagem principal, “tinha uma espécie de dignidade, uma pudor instintivo, que o tinha preservado, até então, desses movimentos de sensualidade pervertida”, o que induz o narrador a afirmar, de maneira assertiva, que “nunca ele [Jean] poderia descer tão baixo”

(LOTI, 1881, p. 58).² A ambiguidade da última frase não nos permite saber se o ato de “descer tão baixo” se refere à possibilidade de Jean se relacionar com prostitutas ou simplesmente com a raça negra, sobretudo se levados em conta outros momentos da composição que reforçam a pertinência do segundo sentido, como quando o narrador relata que Jean:

não conseguira se acostumar com a ignóbil prostituição negra, e, quando as pensionistas da Senhora Virginie lhe punham as mãos, ele as empurrava com a ponta de seu chicote de montaria como animais imundos, e as infelizes criaturinhas o consideravam uma espécie de homem-fetico, de quem elas não se aproximavam (LOTI, 1881, p. 43).³

Superada a ambiguidade, Jean, que “nos velhos tempos [...] tinha destinado um mesmo olhar de nojo à população negra: aos seus olhos, todos se pareciam” (LOTI, 1881, p. 56), “pouco a pouco [...] se acostumou com seus rostos” (LOTI, 1881, p. 56), e, ao constatar a beleza das “meninas negras com braceletes de prata” (LOTI, 1881, p. 56), Jean conseguia admitir, finalmente, que “as negrinhas [*négresses*] tinham para ele um semblante assim como o das mulheres brancas, e lhe eram menos repugnantes” (LOTI, 1881, p. 56, grifo nosso). Em contrapartida, se tornar o amante de Fatou-gaye, “jovem garota negra da raça *khassonké*”, como faz Jean, é, de acordo com o narrador, antes a consequência de “não sei que sedução sensual e impura, não sei que feitiço de amuleto” (LOTI, 1881, p. 16)⁴ do que o resultado de uma relação verdadeiramente afetiva.

Entendendo que, nos exemplos literários, “o caráter anticolonialista não aparece à primeira vista”, Quella-Villéger (1986, p. 74) recorre aos artigos de jornais escritos por Loti em 1883, quando o escritor embarca para Aname, atual Vietnã, para registrar seu testemunho do conflito entre os soldados franceses e a administração territorial do imperador vietnamita Tu-Duc. Resultado do embate, o Tratado de Hué é assinado, e a região é oficialmente submetida ao domínio francês. Apesar de admitir que “Loti não fazia nenhum comentário político” (QUELLA-VILLÉGER, 1986, p. 78) nos artigos versados sobre o conflito, Quella-Villéger

² No original: “*petites filles [...] petites filles noires [...] avait une sorte de dignité, de pudeur instinctive, lui, qui l’avait préservé jusque-là de ces entraînements de sensualité perversie [...] jamais il [Jean] ne pourrait descendre aussi bas*” (LOTI, 1881, p. 58).

³ No original: “[...] *n’avait pu se faire à l’ignoble prostitution noire, et, quand les pensionnaires de dame Virginie égaraient leurs mains sur lui, il les écartait du bout de sa cravache comme des animaux immondes, et les malheureuses petites créatures le considéraient comme une sorte d’homme-fético, dont elles n’approchaient plus*” (LOTI, 1881, p. 43).

⁴ No original: “[...] *autrefois [...] avait jeté un même regard de dégoût sur cette population noire : à ses yeux, tous se ressemblaient [...] peu à peu [...] s’était fait à ces visages [...] filles noires aux bracelets d’argent [...] les négresses avaient pour lui une physionomie tout comme les femmes blanches, et lui répugnaient moins [...] Fatou-gaye, jeune fille noire de race khassonké*” (LOTI, 1881, p. 56); “[...] *je ne sais quelle séduction sensuelle et impure, je ne sais quel charme d’amulette*” (LOTI, 1881, p. 16).

frisa a indignação que sua captura testemunhal do massacre suscita no público europeu, o que o permite concluir que “ver em Loti um escritor colonialista parece, no mínimo, surpreendente” (QUELLA-VILLÉGER, 1986, p. 76), e que “o certo é que as acusações do escritor colonialista contra Loti caem muito mal” (QUELLA-VILLÉGER, 1986, p. 85).⁵

No entanto, como aponta Alec Hargreaves (1981)⁶ e demonstra o próprio Quella-Villéger (1986), Loti visava, com os referidos testemunhos, enaltecer os feitos dos militares franceses, de forma que o descritivismo minucioso das violências feitas contra os anamitas fosse tomado como uma denúncia da condição imposta aos jovens franceses recrutados para o conflito. Como resposta às acusações que o rechaçavam por assumir uma suposta postura antigovernamental, e, por associação, anticolonial, Loti (apud QUELLA-VILLÉGER, 1986, p. 79), em um artigo publicado no jornal *Le Figaro*, alega que:

[a]s pessoas clamam frente ao horror porque esta é a primeira vez que as “realidades” de uma guerra e de uma guerra exótica são trazidas diante de seus olhos. São esses que, ao lado de uma lareira, sentados em sua poltrona de couro, decretam uma expedição distante, supondo que tudo lá deve acontecer com a maior facilidade, de acordo com as regras da boa filantropia. E assim será: pegamos bravos marinheiros, que geralmente são filhos de nossos pescadores litorâneos, bons, ingênuos, crianças grandes, um pouco rudes, mas excelentes. Dizemos a eles: deixem seus velhos pais, deixem tudo; vá para Annam, ou para Madagascar, ou para qualquer outro lugar, sob um sol tórrido no meio de todos os contágios, todos os perigos; faça guerra às pessoas que cortarão vocês em pedaços, começando pelos pés, se porventura pegarem vocês; vinguem seus irmãos assassinados no passado por esses brutos e tentem conquistar todo um imenso país, vocês que são um pequeno punhado de aventureiros, um contra cem mil. E, acima de tudo, tomem cuidado para não machucar ninguém. É realmente muito risível.⁷

⁵ No original: “[...] le caractère anticolonialiste n’apparaît pas d’emblée [...] Loti ne faisait aucun commentaire politique [...] voir en Loti un écrivain colonialiste apparaît pour le moins étonnant [...] ce qui est sûr, c’est que les accusations d’écrivain colonialiste portées contre Loti tombent bien mal” (QUELLA-VILLÉGER, 1986, p. 76, 78, 85)

⁶ “In neither the original narrative published in *Le Figaro* nor a revised version published later in book form did Loti criticise the expansionist aims of the operation. The text published by *Le Figaro* certainly describes some horrific scenes amounting in one instance to a quite unnecessary massacre in which hundreds of Annamite soldiers were killed. It was these descriptions which led to the furore back in France. However although they provided welcome ammunition for opponents of French expansion, on the grounds that it was being pursued in an unacceptably barbaric manner, this was not Loti’s intention. We learn from his correspondence that the offending pages were written with the full cooperation of the sailors involved. After listening to their stories, Loti wrote his narrative and read it back to them, incorporating amendments which they suggested, before sending it off to *Le Figaro*: “[...] j’ai fait cela naïvement, en barbare que je suis autant qu’eux, les ayant trouvés sublimes, ne sachant pas que j’écrivais pour des petites-maîtresses et croyant qu’on allait les admirer” (HARGREAVES, 1981, p. 70).

⁷ No original: “Des gens crient à l’horreur parce que c’est la première fois qu’on met sous leurs yeux les “realités” d’une guerre et d’une guerre exotique. Ils sont de ceux qui au coin de leur feu, assis dans leur fauteuil à rond de cuir, décrètent une expédition lointaine et supposent que tout doit se passer là-bas avec la plus grande facilité, d’après les règles de la bonne philanthropie. Voilà : on prend de braves matelots, qui sont en général des fils de nos pêcheurs de la côte, bons, naïfs, grands enfants un peu rudes, mais excellents. On leur dit : laissez vos vieux parents, laissez tout ; allez en Annam, ou à Madagascar, ou ailleurs, sous un soleil torride au milieu de toutes les contagions, de tous les dangers ; faites la guerre à des gens qui vous couperont en morceaux en commençant par les pieds si par malheur ils vous prennent ; vengez vos frères assassinés autrefois par ces brutos et tâchez de

Também em carta a Alphonse Daudet, Loti ratifica sua frustração frente à recepção e aos efeitos suscitados por seus relatos da guerra de Annam. Ao seu ver, “o que resta, que é iníquo, revoltante, é que [o] acusam de ter denunciado nossos pobres marinheiros, de desacreditá-los, descrevendo-os como selvagens” (LOTI, apud QUELLA-VILLÉGER, 1986, p. 80), motivo porque Loti roga a Daudet para dizer, ao público francês, que “[...] não [denunciou] [os] marinheiros, que [fez] isso ingenuamente, como um bárbaro que [é], assim como eles, achando-os sublimes, sem saber que escrevia para menininhas, e acreditando que [os leitores] iriam admirá-los [os marinheiros]” (LOTI, apud QUELLA-VILLÉGER, 1986, p. 80).⁸

Ainda que reconheça tais declarações e que as reproduza no mesmo capítulo em que defende o suposto anticolonialismo de Loti, Quella-Villéger se obstina a entender a posição do autor como majoritariamente benéfica e positiva. Na defesa desse viés interpretativo, Quella-Villéger (1986, p. 84) indaga:

O que havia de tão embaraçoso no relato? Aqueles que o leram apressadamente, em sua segunda versão,⁹ encontraram ali o exemplo de um colonialismo sanguinário e cínico. De lá para fazer de Loti um apóstolo dessa violência exótica e dominadora, há apenas um passo, rapidamente dado por alguns. Aimé Césaire, em seu *Discurso sobre o colonialismo*, acusa Loti de se divertir com a visão de “um bom massacre de anameses”, tomando por discurso pré-colonial e racista o que outros relacionarão mais prontamente a uma inclinação psicológica mórbida. Acima de tudo, ele [Césaire] retém apenas “voluptuosidades sádicas”, sem ver o que elas contêm de repulsa mais do que de adesão, sem conhecer a profunda oposição de Loti à expedição de Tonquim.¹⁰

Em um mesmo movimento, Quella-Villéger (1986, p. 84, grifo nosso) evoca o nome do poeta, dramaturgo, ensaísta, político e ativista Aimé Césaire no grupo daqueles que, para ele,

conquérir tout un immense pays, vous qui êtes une petite poignée aventurée, un contre cent mille. Et surtout prenez bien garde de ne faire de mal à personne. C'est vraiment très risible” (LOTI apud QUELLA-VILLÉGER, 1986, p. 79).

⁸ No original: “*La chose qui demeure, qui est inique, révoltante, c'est qu'on m'accuse d'avoir dénoncé nos pauvres matelots, de les avoir déconsidérés en les dépeignant comme des sauvages. [...] Dites que je ne les ai pas dénoncés, nos matelots, que j'ai fait cela naïvement, en barbare que je suis autant qu'eux, les ayant trouvés sublimes, ne sachant pas que j'écrivais pour des petites-maîtresses et croyant qu'on allait les admirer*” (LOTI apud QUELLA-VILLÉGER, 1986, p. 80).

⁹ Quella-Villéger se refere à versão publicada no livro *Figures et choses qui passaient* (1897), de Pierre Loti.

¹⁰ No original: “*Qu'avait donc ce récit de si gênant ? Ceux qui l'ont lu hâtivement, dans sa seconde version, y ont trouvé l'exemple d'un colonialisme sanguinaire et cynique. De là à faire de Loti un apôtre de cette violence exotique et dominatrice, il n'y a qu'un pas, vite franchi par quelques-uns. Aimé Césaire, dans son Discours sur le colonialisme, accuse Loti de jouissance à la vue d' « un bon massacre d'Annamites », prenant pour discours précolonial et raciste ce que d'autres rattacheront plus volontiers à un penchant psychologique morbide. Surtout, il ne retient que « les voluptés sadiques », sans voir ce qu'elles contiennent de révolte plus que d'adhésion, sans connaître la profonde opposition de Loti à l'expédition tonkinoise*” (QUELLA-VILLÉGER, 1986, p. 84).

“encontraram ali o exemplo de *um* colonialismo sanguinário e cínico”, sugerindo, pela escolha vocabular e pelas unidades semânticas de seu discurso, que, ao contrário do denominado “sanguinário e cínico”, haveria ao menos um tipo particular de colonialismo que não o fosse. Mais do que isso, Alain Quella-Villéger sobrepõe e reduz toda a implicação de relatar “apoliticamente” (no caso de Loti, descrever detalhadamente sem, portanto, assumir declaradamente o apoio a um dos lados dessa causa) uma ofensiva colonial em que corpos não brancos são massacrados para fins de domínio e exploração de seus territórios em prol do acúmulo de riquezas para o país colonizador.

Ao investigarmos em que contexto o relato de Loti aparece no mencionado *Discurso sobre o colonialismo* (1950), de Aimé Césaire, constatamos com que tendenciosidade Quella-Villéger omite a motivação do autor ao citar o testemunho de Loti. Discorre Césaire que “haveria que se estudar em primeiro lugar como a colonização trabalha para descivilizar o colonizador, para embrutecê-lo no sentido literal da palavra, para degradá-lo, para despertar seus recônditos instintos em prol da cobiça, a violência, o ódio racial, o relativismo moral” (CÉSAIRE, 2010, p. 15). Sob a luz desse entendimento, as frases de Loti transpostas no ensaio de Césaire ressoam como um indício dos diferentes processos de desumanização que atravessam o colonizado e o colonizador, conquanto o último se beneficie do estatuto de superioridade em relação ao primeiro, sobre quem o ato de desumanização imposto incide na alta letalidade da qual se torna vítima em potencial.

“Os atiradores não tinham ordem de matar a não ser aos homens, porém ninguém os deteve”, escreve Loti (apud CÉSAIRE, 2010, p. 24) na citação de Césaire. “Embragados pelo odor do sangue, não deixaram vivas nenhuma mulher e nenhuma criança [...] ao final da tarde, sob a ação do calor, se levantou uma pequena bruma: era o sangue de cinco mil vítimas, à sombra da cidade que se evaporava ao entardecer”. Ao citar Loti, a preocupação de Césaire repousa antes em assinalar que “esses fatos provam que a colonização, repito, desumaniza o homem mesmo o mais civilizado; que a ação colonial, a empreitada colonial, a conquista colonial, fundada sobre o desprezo do homem nativo e justificada por esse desprezo, tende inevitavelmente a modificar aquele que a empreende” (CÉSAIRE, 2010, p. 25) do que, como alega Quella-Villéger (1986, p. 84), “fazer de Loti um apóstolo dessa violência exótica e dominadora”. “Se de minha parte recordei alguns detalhes dessas horríveis carnificinas”, escreve Césaire (2010, p. 25), “não é, de nenhuma maneira, por deleite sombrio, mas porque penso que não nos desfaremos tão facilmente dessas cabeças de homens, dessas colheitas de orelhas, destas casas queimadas, dessas invasões godas, desse sangue que fumega, dessas

idades que se evaporam no fio da espada”. Parece ser esse o motivo porque, face à descrição da violência colonial, Césaire (2010, p. 24) indaga:

São verdadeiros ou não esses fatos? E as voluptuosidades sádicas e os inefáveis gozos que estremecem a carcaça a Loti quando pode ver com seus olhos gêmeos um bom massacre de anamitas? Verdadeiro ou falso? E se esses fatos são reais, uma vez que ninguém tem o poder para negá-los, dir-se-á para minimizar o ocorrido, que esses cadáveres não provam nada?

Alain Quella-Villéger (1986, p. 84, grifos nossos), no entanto, opta por enfatizar que, “acima de tudo, ele [Césaire] retém apenas ‘voluptuosidades sádicas’, sem ver o que elas contêm de *repulsa* mais do que de *adesão*, *sem conhecer a profunda oposição de Loti à expedição de Tonquim*”. Diante da postura antes questionadora do que condenatória de Césaire, como propor, como faz Quella-Villéger, a apreensão de um discurso que se só se pretende anticolonial à consideração de fontes extratextuais? Dito de outra forma, como ignorar o fato de que o texto de Loti, em toda sua ambiguidade, pode estar a serviço e ao respaldo da dominação colonial, se situando e agindo a despeito de qualquer confissão íntima feita pelo autor, pois não interfere ou transparece na composição do relato? Mais: como esperar que Césaire reaja diferentemente ao texto descritivo de uma realidade social contra a qual ele mesmo procura lutar?

Além de ocultar o contexto em que Césaire recorre ao escrito de Loti, Quella-Villéger desautoriza a leitura interpretativa do autor ao acusá-lo de uma suposta falta de profundidade compreensiva da obra literária de Pierre Loti, sem parecer buscar entender, por sua vez, por quais motivos Césaire encontra no testemunho de Loti um exemplo claro da nocividade colonial que suscita a apatia frente a uma prática necropolítica racializada. Trata-se, no caso de Quella-Villéger, da promoção de uma série de concessões e minimizações à atuação do racismo e de todas as suas ferramentas linguísticas, representativas, entre outras, na e da obra de Loti, em claro detrimento das contrapedagogias da mesma ideologia colonial que, desde o advento da modernidade, cria, recria, mantém e propaga a racialização, o racismo e todas as consequências associadas.

No fim do capítulo em questão, Alain Quella-Villéger (1986, p. 85) se justifica ao afirmar que “não vamos achar Loti ingênuo o suficiente para escrever engenhosamente um relato que só poderia colocá-lo em apuros com a hierarquia”. Que dizer, então, dos relatos anticolonialistas cujos criadores, mais do que apuros, enfrentaram ameaças, censuras, prisões, traumas, entre outros, sem deixar de ratificar uma posição contrária ao domínio colonial? “Seu testemunho”, prossegue Quella-Villéger (1986, p. 85, grifos nossos), “mesmo de aparência apolítica, é bastante contestador, pois Loti se chocou: ‘Fizemos coisas atrozés neste

desembarque [...]. Soldados de infantaria cumpriram uma ordem horrível dada por um líder – uma desgraça. *Mas não escrevi isso em lugar nenhum*”.

As declarações de Quella-Villéger revelam um posicionamento interpretativo que sustenta sua leitura com base em declarações exteriores e pessoais de Loti, bem como, no polo oposto, em seus silêncios. De acordo com essa lógica de compreensão, seria suficiente conferir juízos reprovadores às violências de um povo dominante contra o dominado em espaços de registros privados sem, portanto, se posicionar publicamente contra tais ofensivas e, ainda assim, ser denominado um agente anticolonial. Por fim, Quella-Villéger (1986, p. 85, grifos nossos) ressalta que “Loti contesta uma expedição que considera ‘louca e inepta’ e implica seus responsáveis, não seus superiores hierárquicos, *simples servidores de uma política*, mas os próprios governantes”.¹¹

Em uma de suas publicações mais recentes, *Pierre Loti: Une vie de roman* (2019), Alain Quella-Villéger se propõe a novamente biografar a vida de Loti, tomando como enfoque principal a relação firmada entre a obra e os eventos ocorridos ao longo da vida do autor. Ao tratar sobre a obra de Loti, Quella-Villéger (2019) retoma a noção, já previamente defendida, de que, ao menos nos livros *Le Mariage de Loti* e *Le Roman d’un spahi*, cujos eventos são situados nas colônias francesas, “constatamos, se não uma contestação explícita do Império, um questionamento pessimista de natureza *bastante anticolonialista*” (QUELLA-VILLÉGER, 2019, p. 102, grifos nossos).¹² O autor respalda seu ponto de vista ao resumir *Le Roman d’un spahi* como um romance em que nos defrontamos com o “confronto de duas culturas, uma dominante, outra dominada, de forma literalmente dicotômica (branco/negro)” (QUELLA-VILLÉGER, 2019, p. 97), na execução do qual a história “não escapa a comentários relativos a estereótipos racistas”, pois “se a cultura africana nunca é atacada em si mesma, Loti apresenta negros primitivos, supersticiosos, indolentes, sensuais, simiescos, mas às vezes belos” (QUELLA-VILLÉGER, 2019, p. 97). É dentro dessa atmosfera que se desenvolve a personagem Fatou-gaye, “uma cristã cativa, primeiro dita ser ‘inferior, igual ao seu laobé amarelo’ (o cachorro do herói!), [mas que] acaba representando a ‘antiga perfeição’” para o

¹¹ No original: “*On ne pensera pas Loti assez naïf pour écrire ingénument un récit qui ne pouvait que lui attirer des ennuis avec la hiérarchie. Son témoignage même apolitique en apparence, est bien contestataire parce que Loti a été choqué : « On a fait des choses atroces à ce débarquement [...]. Des soldats d’infanterie ont exécuté un ordre horrible donné par un chef – une honte. Mais cela je ne l’ai écrit nulle part. » Loti conteste bel et bien une expédition qu’il juge « folle et inepte » et met en cause ses responsables, non pas ses supérieurs hiérarchiques, simples serviteurs d’une politique, mais les gouvernants eux-mêmes*” (QUELLA-VILLÉGER, 1986, p. 85).

¹² No original: “[...] on y devine sinon une contestation explicite de l’Empire, un questionnement pessimiste de nature plutôt anticolonialiste” (QUELLA-VILLÉGER, 2019, p. 102).

“jovem de Cévennes, ‘de pura raça branca’, [que] é vítima de ‘não sei que sedução sensual e impura’”, e cuja “dignidade de homem branco [é] maculada pelo contato com essa carne preta” (QUELLA-VILLÉGER, 2019, p. 97).¹³

A pretensa anticolonialidade que Quella-Villéger atribui ao texto de Loti poderia ser facilmente tomada por uma mera propaganda racista formalizada em um objeto de natureza estética, a despeito de qualquer recurso a interpretações historicistas da composição textual. E é desse viés interpretativo que Quella-Villéger se vale para amparar suas alegações, inferindo, portanto, que “semelhantes metáforas animalizantes ofendem, então, muito pouco, pois tal pensamento racial hierárquico era o da época”, e que, nesse sentido, refletiam “uma visão diferencialista e desigual dos povos que a Terceira República carregará sem complexos ao mesmo tempo em que enaltece a igualdade entre seus valores universalistas...” (QUELLA-VILLÉGER, 2019, p. 98).¹⁴

Enquanto é de extremo interesse pensar a hipocrisia da ideologia liberal burguesa em relação às estruturas hierárquicas da racialização, naturalizar os sintomas do racismo sobre o qual essa cosmovisão é pautada contribui para a redução das possibilidades de identificação de suas expressões nas formas camaleônicas mediante as quais se instaura no discurso, o que equivale dizer que tal viés interpretativo também sustenta a manutenção da ideologia colonial, isto é, racista. Em outras palavras, naturalizar a ocorrência do racismo como expressão de um período histórico equivale a anular e reduzir os inesgotáveis estudos analíticos do texto literário em favor da fixação de um sentido predeterminado por uma única possibilidade interpretativa, a historicista.

¹³ No original: “[...] *confrontation de deux cultures, une dominante, une dominée, de façon littéralement dichotomique (blanche/noire). Dans ce roman, la « terre d’exil » devient mystérieuse (« un calme plein de mystère sur les bords du Sénégal »), les moindres choses sont dites « étranges », que ce soient la « magie » des soleils levants ou les immobilités « stupéfiantes » ; l’« absolu » du silence va jusqu’à la « transparence chaude » de la nuit. Le roman nuance aussi. Le premier jugement péremptoire du journal intime est réajusté : « art inférieur » devient « inférieur, peut-être ». Le récit n’échappe pas non plus à des remarques relevant de stéréotypes racistes (encore faut-il distinguer ce qui relève des pensées du personnage et des commentaires du narrateur). Si jamais la culture africaine n’est attaquée en elle-même, Loti présente des Noirs primitifs, superstitieux, indolents, sensuels, simiesques, mais beaux parfois, tels le spahi Nyaor-Fall ou l’oisive Cora, « repoussée partout comme fille de couleur ». Fatou-Gaye, captive chrétienne, d’abord dite « être inférieur, l’égal à peu près de son laobé jaune » (le chien du héros !), finit par représenter la « perfection antique ». Le jeune Cévenol, « de pure race blanche », est victime de « je ne sais quelle séduction sensuelle et impure ». Les raisons de sa déchéance ? « Pas de protecteurs, d’abord, et puis surtout, oh ! scandale, vivre avec une femme noire ! [...] sa dignité d’homme blanc [est] souillée par le contact de cette chair noire. »” (QUELLA-VILLÉGER, 2019, p. 97).*

¹⁴ No original: “De telles métaphores animalisantes choquent alors fort peu, une telle pensée raciale hiérarchisante étant beaucoup celle du temps, reflet d’une vision différentialiste et inégalitaire des peuples que la Troisième République portera sans complexe tout en vantant l’égalité parmi ses valeurs universalistes...” (QUELLA-VILLÉGER, 2019, p. 98).

Dessa forma, Quella-Villéger fixa a produção literária de Loti ao estatuto de testemunho reflexivo do espírito da Terceira República, de maneira que a criação literária se encontra submetida e subjugada ao estatuto de conjunto material refletor das condições ou normas sociais, em que a arte se torna uma manifestação representativa e uma totalidade meramente documental. No caso de Loti, do racismo tão comumente admitido no seio da sociedade francesa novecentista.

O que a análise de Quella-Villéger nos revela em muito se assemelha ao vício interpretativo, descrito e questionado por Wolfgang Iser em *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético* (1996), legado da tradição que identifica no crítico o intermediador da relação entre literatura e sociedade ao ver conferida a responsabilidade de elucidar a significação oculta do texto literário. Nesse processo de apreensão interpretativa, o crítico encabeça o ato de desvendamento do verdadeiro significado da composição literária na tentativa de retirar do texto sua verdade universal, de tal modo que o produto dessa interpretação toma a forma de sentido unívoco, eclipsando, portanto, todo o caminho através do qual se perfaz a experiência estética que parte do texto e se concretiza, de acordo com Iser (1996, p. 32), no produto da interação do leitor com o “modelo de indicações estruturadas” mediante o qual a imaginação concebe “a representação daquilo que não existe, e que não se manifesta verbalmente nas páginas impressas”.

É na dinamicidade das referidas formas camaleônicas que a ideologia racista na obra ficcional de Loti consegue se concretizar, pois, quando posta em cotejo com as ofensivas textuais do discurso colonialista declarado, mais precisamente, onde se exalta “*l’impérialisme et l’homme blanc* [o imperialismo e o homem branco]” (QUELLA-VILLÉGER, 2019, p. 102), na falta da consideração de atitudes textuais mais radicais e contrárias às políticas de dominação, o racismo de Loti passa a ser situado no polo diametralmente oposto do primeiro referente. Disso resulta que, como resultado do efeito de choque ou de contraste entre a condenação manifesta e a inferiorização travestida em empatia, seu discurso se torna passível de ser denominado por alguns como positivamente progressista e, por associação, anticolonial. Assim, ao comparar a postura discursiva de Loti com as de autores cujas produções textuais se localizam na vanguarda da ofensiva ideológica colonial, Quella-Villéger afirma que Loti, em suas composições, “joga nas cordas de um sentimentalismo ingênuo, às vezes paternalista, para

dizer o estrangeiro, o nativo, o dominado” (QUELLA-VILLÉGER, 2019, p. 102).¹⁵ Posto dessa forma, o suposto anticolonialismo de Loti parece ser mais uma reelaboração do colonialismo explícito do que qualquer tomada de posição contrária às políticas coloniais europeias.

Outro exemplo de atenuação ou negação do discurso colonial na literatura de Pierre Loti é encontrado no livro *Pierre Loti* (2018), de Richard M. Berrong, em que autor se põe vivamente na contramão de estudos por ele denominados “*scholarly denunciations*” (denúncias acadêmicas): são esses os que focalizam as ofensivas coloniais e as representações cujos possíveis sentidos tendem a justificar a dominação colonial-imperialista pelas vias da criação literária. “Essas dissertações”, declara Berrong (2018, p. 55), “são frequentemente trabalhos de acadêmicos-em-treinamento – ao invés de especialistas que passaram anos se tornando familiarizados com o corpus dos autores com cuja obra colonialista eles trabalham”, o que explica, para o autor, sua impressão de que “eles [os acadêmicos-em-treinamento] às vezes exageram os elementos sobre os quais focam e não tratam de outros aspectos menos tendenciosos, muito menos de outras obras dos autores”.¹⁶

Berrong, por sua vez, parece se contentar em apresentar uma crítica atenuadora dos aspectos coloniais e orientalistas da obra de Loti, pois, mesmo admitindo que, no caso do romance *Aziyadé*, seja “verdade que o romance tem traços orientalistas [...]”, o autor ressalta tão somente o fato de o romance ser “notável para o seu tempo” por apresentar “os habitantes turcos (masculinos) de Constantinopla como possuidores de uma tolerância à diferença que mudou fundamentalmente, para melhor, seu protagonista ocidental de maneiras que sua pátria europeia de mente fechada não conseguiu alcançar” (BERRONG, 2018, p. 56).¹⁷ Assim constituídas, as compreensões de Richard M. Berrong concorrem para a construção de uma análise crítica que privilegia o isolamento da história literária em detrimento da pluralidade de interpretações possibilitadas pela admissão do fato da colonialidade e do orientalismo no discurso literário de Loti. É essa uma das atitudes comuns à postura historicista descrita por

¹⁵ No original: “[...] *joue sur les cordes d’une sentimentalité naïve, parfois paternaliste, afin de dire l’étranger, l’indigène, le dominé*” (QUELLA-VILLÉGER, 2019, p. 102).

¹⁶ No original: “*These dissertations [...] are often the work of scholars-in-training – rather than specialists who have spent years becoming familiar with the corpus of the authors with whose colonialist works they deal [...] they sometimes exaggerate the elements on which they focus and do not deal with other, less biased aspects, much less the authors’ other works*” (BERRONG, 2018, p. 55).

¹⁷ No original: “*It is true that the novel has Orientalist features [...] remarkable for its time [...] Constantinople’s (male) Turkish inhabitants as possessing a tolerance for difference that fundamentally changed, for the better, its Western protagonist in ways that his closed-minded European homeland had failed to achieve*” (BERRONG, 2018, p. 56).

Austin Warren e René Wellek no livro *Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários* (2003), para cujos adeptos, de acordo com os autores,

não se nega que sejam necessários atos de julgamento mas argumenta-se que a história literária tem os seus próprios padrões e critérios peculiares, isto é, os de outras épocas. Devemos, argumentam esses reconstrucionistas literários, entrar no espírito e nas posturas dos períodos passados e aceitar os seus padrões, excluindo deliberadamente a intrusão dos nossos preconceitos (WARREN; WELLEK, 2003, p. 39).

Parece ser esse, e não outro, o tom manifesto das declarações de Berrong (2018, p. 187-188), para quem “o resultado mais infeliz” dos estudos por ele considerados redutores da obra de Loti “é que eles convenceram alguns que ensinam literatura francesa para estudantes universitários que Viaud era apenas mais um autor colonialista fanático e pode ser descartado como tal”.¹⁸ Além do mais, defende Berrong (2018, p. 188), esses mesmos estudiosos não consideram “a questão mais geral, que é se devemos descartar toda a literatura que não compartilha nossas próprias visões iluminadas do século XXI, mesmo quando essa literatura foi escrita em épocas em que praticamente ninguém beneficiava de tais esclarecimentos”.¹⁹

Assim colocadas, as escolhas vocabulares de Berrong são fortemente indicativas de seu viés ideológico, a saber que os *scholars* (acadêmicos) são influenciados por um *enlightenment* (esclarecimento) que, por mais moderno que pareça ser, condena Viaud ao posto de “*just another bigoted colonialist author*” (apenas mais um autor colonialista fanático). Também nas composições de Berrong, Loti não é o sujeito ativo responsável pela atitude colonialista de suas produções literárias, sendo antes os *scholars* com cujas contribuições acadêmicas “posicionaram [Loti] como um escritor colonialista”²⁰ os principais responsáveis pela pouca importância conferida ao projeto estético de Loti no meio universitário atual.

O aumento de estudos da obra de Viaud sob o viés pós-colonial nos sugere o contrário, o que nos induz a supor o viés ideológico com a adoção do qual os estudos sobre Loti são, para Berrong, considerados sérios, pertinentes e importantes. Com isso, Berrong (2018, p. 57) parece desconsiderar a possibilidade de que os *scholars-in-training* (acadêmicos-em-treinamento), por sua vez, também podem ser, característica que ele atribui a Loti, “mais mente aberta do que a

¹⁸ No original: “*the most unfortunate result [...] is that they have convinced some who teach French literature to college students that Viaud was a just another bigoted colonialist author and can be dismissed as such*” (BERRONG, 2018, p. 187-188).

¹⁹ No original: “[...] *the more general question of whether we are to jettison all literature that does not share our own twenty-first-century enlightened views, even when that literature was written during eras when virtually no one benefited from such enlightenment*” (BERRONG, 2018, p. 188).

²⁰ No original: “*have positioned him [Loti] as a colonialist writer*” (BERRONG, 2018, p. 57).

maioria de seus contemporâneos masculinos”.²¹ Ao concluir seu raciocínio com uma tentativa de oposição à perspectiva de Loti como um autor colonialista, Berrong (2018, p. 57) replica que, “como veremos, quase todas as suas principais obras [de Loti], aquelas nas quais sua reputação se baseia na França, são estabelecidas na própria França”.²² Seguindo a lógica proposta pelo autor, seria possível, então, afirmar que as representações do sujeito não branco propostas por um Alphonse Daudet ou as decisões tomadas por uma Rainha Vitória não eram colonialistas e/ou racistas, pois seus inventores elaboram suas ofensivas a partir do espaço dominante, onde permaneciam e criavam suas respectivas reputações.

Uma posição mais equilibrada é adotada por Peter Turberfield no artigo “The Anti-colonialism of an Orientalist Writer: the paradox of Pierre Loti” (2012), em que o autor admite ser necessário “o reconhecimento da complexidade da postura de Loti” (TURBERFIELD, 2012, p. 146), entendendo, portanto, que:

ele [Loti] pode ser visto como um homem de seu tempo, mas o desenho de uma imagem simplista em preto e branco não é possível. Ele era capaz de imensa hipocrisia, como mostra seu retorno à França com 800 quilos de artefatos levados no saque de Pequim após a revolta dos Boxers: na época, Loti justificou-se para sua esposa dizendo que comprou tudo dos saqueadores, e não participou do saque. Embora, como isso mostra, ele era em muitos aspectos um homem de seu tempo, talvez seja mais honesto ver Loti como um observador, às vezes participando, às vezes condenando, o produto de um mundo imperfeito. Ele não foi responsável pela época em que viveu, e foi em muitos aspectos um progressista (TURBERFIELD, 2012, p. 146).²³

Mas a resignação ao entendimento de que a postura de Loti repousa em cima de uma ambiguidade centralizada e neutralizante é, quando muito, inconclusiva. Se, por um lado, Loti não se ateuve à defesa veemente e declarada do colonialismo e de suas violências e, conforme nos mostra Alain Quella-Villéger (1986), seus escritos testemunhais, mesmo que não politicamente engajados, surtiram o efeito de suscitar atenção para as atrocidades cometidas pelos militares franceses, por outro, a presença do discurso colonialista em seu universo

²¹ No original: “[...] *more open-minded than that of most of [their] male contemporaries*” (BERRONG, 2018, p. 57).

²² No original: “[...] *as we shall see, almost all of his [Loti’s] major works, those upon which his reputation is based in France, are set in France itself*” (BERRONG, 2018, p. 57).

²³ No original: “*He can be seen as a man of his time, but the drawing of a simplistic black and white picture is not possible. He was capable of immense hypocrisy, as is shown on his return to France with 800 kilograms of artefacts taken in the looting of Peking after the Boxer uprising: at the time Loti justified himself to his wife by saying that he bought everything from the looters, and didn’t participate in the looting himself. Whilst, as this shows, he was in many ways very much a man of his time, it is perhaps more honest to see Loti as an observer, sometimes participating, sometimes condemning, the product of an imperfect world. He was not responsible for the age in which he lived, and was in many ways was a progressive*” (TURBERFIELD, 2012, p. 146).

estético, bem como em seus escritos referenciais, como seus diários, é incontornável e consensualmente admitida. Em outras palavras, enquanto a proclamada anticolonialidade dos escritos de Loti é alvo de discordâncias e discussões inevitáveis, a colonialidade e o racismo de seu discurso são constantemente admitidos como características presentes no conjunto de sua obra, por mais que atenuados por autores cujas análises parecem nutrir certo tipo de interesse na manutenção da ordem hierárquica de bases fundamentadas no colonialismo e no racismo.

Isso nos induz a duvidar fortemente da perspectiva que recorre às posições políticas de Loti, majoritariamente assumidas ao se aposentar após anos de serviço à Marinha francesa (TURBERFIELD, 2012), para tentar justificar toda a contribuição feita por ele através de sua obra ficcional ao inventário de reelaborações e reinvenções discursivas visadas à manutenção da soberania epistemológica europeia e eurocêntrica, por mais que contra tal entendimento sejam inferidas as supostas e pretensas intenções amigáveis ou antiocidentais de Loti ao representar o Outro não branco, o espaço colonizado e seus habitantes.

Considerações finais

Em vez de tomar Loti por um escritor anticolonialista, o que cremos ser uma atribuição injusta, a considerar que a atitude textual de Loti muito difere daquela cultivada ou adotada pelos escritores manifestamente engajados em políticas anticoloniais, ou seja, verdadeiramente anticolonialistas, podemos começar por admitir que a atitude de Loti expressa um tipo de ambiguidade discursiva não obstante voltada para a manutenção do discurso colonial, e que os efeitos de recepção de sua obra diferem de acordo com o público e com o período histórico em que são lidos, interpretados e analisados.

Todavia, fixar a análise literária nos sentidos originalmente identificados equivale a demarcar uma espécie de temporalidade interpretativa em que o texto só pode ser trabalhado a partir da reconstituição histórica do contexto inicial em que foi recebido. E, como consequência de tal fixação, o empobrecimento de todo o inventário de significações que podem surgir a partir da reflexão contemporânea sobre a representação da raça e das estruturas de dominação como componentes principais na composição do objeto estético. Afinal, conforme assera Antoine Compagnon (2010, p. 64),

não somente o sentido do texto não se esgota com a intenção nem se lhe equivale – não pode ser reduzido ao sentido que tem para o autor e seus contemporâneos –, mas

deve ainda incluir a história de sua crítica por todos os leitores de todas as idades, sua recepção passada, presente e futura.

Por outro lado, a abordagem analítica de viés teórico pós-colonial do universo estético de Loti, no entanto, não é sem ressalvas. Se é verdade que os estudos atenuadores do orientalismo e do colonialismo incidentes no texto literário de Loti tendiam a omitir as consequências da representação enviesada, também é verdade que as análises propostas pelos autores adeptos à vertente dos estudos culturais e pós-coloniais por vezes desconsideravam a obra de Loti como um objeto primariamente estético, o que prejudicava a abordagem da natureza literária de sua obra e, por conseguinte, a reflexão sobre o papel da forma literária na economia dos sentidos. Exemplo disso está na análise de Irene Szyliowicz (1988, p. 58, grifos nossos) ao escrever sobre a representação dos sujeitos femininos na obra de Loti:

As mulheres orientais de Loti são frequentemente vítimas de abuso físico ou mental (Aziyadé, Djenane, Fatou-gaye e Rarahu) e o autor se deleita em afirmar sua superioridade (ou de seu alter ego) sobre a mulher infeliz. *Elas são claramente produtos de uma imaginação falocêntrica que precisa de personagens atraentes, amorosos e adoradores de heróis para realçar uma imagem masculina fraca.* Embora Loti, o protagonista, pareça feliz em receber sua atenção, ele também as despreza. *Claramente essas atitudes são meras transposições dos próprios sentimentos de Loti, o autor.*²⁴

Por mais pertinente que seja o ato de nomear a condição de dependência à qual o Loti fictício frequentemente destina seus interesses amorosos, restringir os eventos narrativos a transposições sentimentais ou confissões inconscientes de Loti, inspiradas que sejam suas narrativas em fatos e ocorrências da vida real do autor, surte o efeito de invalidar, no corpo da análise, todo o processo de elaboração imaginativa, isto é, ficcional, que permite a concepção do texto literário e/ou das fecundas criações e recriações dos discursos colonial e orientalista.

Semelhante abordagem também pode colaborar para a solidificação das análises literárias favoráveis à manutenção da ideologia colonial, pois vincular e atribuir a colonialidade do discurso a compreensões e sentimentos individuais do autor fortalece a noção de que a representação eurocentrada em suas composições deriva antes de um de seus impulsos pessoais do que de um projeto estético inserido nos critérios, classificações e interesses da dominação hierárquica da qual Julien Viaud, Pierre Loti, seus desdobramentos fictícios e os protagonistas

²⁴ No original: “*Loti's Oriental women are frequently victims of physical or mental abuse (Aziyade, Djenane, Fatou-gaye, and Rarahu) and the author delights in asserting his (or his alter ego's) superiority over the hapless female. They are clearly products of a phallogocentric imagination which needs attractive, loving, hero-worshipping characters to enhance a weak male image. Although Loti, the protagonist, appears happy to receive their attention, he is also contemptuous of them. Clearly these attitudes are merely transpositions of Loti's, the author's, own sentiments*” (SZYLIOWICZ, 1988, p. 58).

de seus livros se beneficiam. Pelo mesmo motivo, embasar em aspectos da vida pessoal do autor as identificações de sentidos no texto literário, além de reproduzir o método da análise biográfica, pode dar ensejo à diminuição da importância atribuída aos efeitos nocivos advindos da representação ficcional, em que se perfaz a reiteração de estereótipos raciais e de classificação tipificada dos sujeitos não brancos.

Entendemos que uma possível solução é considerar de antemão a diferença entre representação social e mimesis, sem o que a especificidade do discurso literário passa ao rés da análise e da crítica da criação ficcional de Loti, nos restando tão somente a análise sociológica ou as críticas biográfica e determinista. “Representação”, nesse sentido, toma a forma da definição que lhe atribui Luiz Costa Lima (1981) ao descrevê-la como o produto das classificações sociais nutridas no seio de uma determinada sociedade, constituindo, por sua vez, a noção de mimesis pelo fato de essa ser um “caso particular” das múltiplas formas de representação ao se distinguir como expressão da criação estética.

Considerando que, para Wolfgang Iser (apud LIMA, 1981, p. 232; 1999), a experiência mimética constitui o ato da interação entre sentido e efeito que se concretiza na imaginação do leitor, sendo essa, por sua vez, guiada pela composição da estrutura textual, é possível afirmar que, para um projeto literário como o de Loti, impregnado por representações das relações estruturais e hierárquicas de poder nas sociedades colonizadas e/ou subalternizadas, a atividade de construção do sentido é sempre inacabada. Isso porque, nas palavras de Iser (apud LIMA, 1981, p. 232), “por esta intervenção necessária do outro, o receptor, o produto mimético é sempre um esquema, algo inacabado, que sobrevive enquanto admite a alocação de um interesse diverso do que o produziu”. É essa uma das razões por que urge a produção e o diálogo com críticas histórico-analíticas produzidas a partir do espaço subalternizado e, não obstante, desfavoráveis às práticas epistêmicas de dominação e hierarquização em todos os campos da ontologia e do saber.

Para vozes que carregam a marca histórica dos povos vencidos, reivindicar espaço na produção crítico-analítica sobre projetos literários tais quais o de Pierre Loti toma significados maiores que o de uma simples representatividade ou indício de uma pluralidade enunciativa. Isso ocorre porque, assumido o compromisso de justiça epistemológica a que almejam as correntes teóricas decoloniais e anticoloniais, o combate à manutenção da ideologia dominante, sobretudo na atividade da crítica e da análise literária, incita o fenômeno de desdobrar sentidos possivelmente desconhecidos às análises atidas aos procedimentos metodológicos da epistemologia eurocêntrica. Assim compreendido, o trabalho analítico resulta produtivo ao

levar em conta não somente as relações de poder que subjazem na representação da superestrutura no universo ficcional, mas também e sobretudo os resquícios, explícitos ou implícitos, declarados ou sugeridos, das relações de imposição, repetição e transposição acrítica de classificações, critérios e normas advindas do espaço dominante.

Referências

- BERRONG, Richard M. *Pierre Loti*. Londres: Reaktion Books, 2018.
- CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2010.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*, v. 1. São Paulo: Ed. 34, 1999, 2 v.
- LOTI, Pierre. *Aziyadé*. Paris: Calmann-Lévy, 1879.
- LOTI, Pierre. *Le roman d'un spahi*. Paris: Calmann-Lévy, 1881.
- QUELLA-VILLÉGER, Alain. *Pierre Loti l'incompris*. Paris: Presses de la Renaissance, 1986.
- QUELLA-VILLÉGER, Alain. *Pierre Loti: Une vie de roman*. Paris: Calmann-Lévy, 2019.
- SAID, Edward. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SZYLIOWICZ, Irene. *Pierre Loti and the Oriental Woman*. Londres: Macmillan Press, 1988.
- TODOROV, Tzvetan. *Nous et les autres: la réflexion française sur la diversité humaine*. Paris: Seuil, 1989.
- TURBERFIELD, Peter. The anti-colonialism of an Orientalist writer: the paradox of Pierre Loti. *Boletim Acadêmico e Cultural da Universidade da Ásia*. v. 1, n. 20, p. 133-149, mar. 2012.
- WARREN, Austin. WELLEK, René. *Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

*Recebido em 01 de dezembro de 2022
Aceito em 21 de janeiro de 2023*